

CAPA

Pateta vai à Disney

EM VISITA AOS EUA, BOLSONARO
APRESENTA-SE COMO UMA BIZARRICE,
ENTREGA O PAÍS, ENVERGONHA A
DIPLOMACIA E, EM CONTRAPARTIDA, TRAZ
PARA CASA UMA CAMISA DE SOCCER

por FRED MELO PAIVA

Quando o Pateta do desenho vai ao encontro de Donald, não se deve esperar que disso se produza algo capaz de mudar o rumo da humanidade, digo, do conjunto de patos e cachorros. No máximo, o que se terá é um compêndio de patacoadas, pastelão mais ou menos risível, a depender da idade mental do público. Na vida real, o pateta Jair Bolsonaro esteve com Donald Trump na terça-feira 19. Entre o desembarque na “América” (assim o presidente do Brasil se refere aos Estados Unidos) e o retorno a Bananalândia, houve a esperada profusão de tolices, registradas em entrevistas e discursos debilitados em que a nossa comitiva de quixotes

apresentou aos aliados do Norte os moínhos do Sul, a começar pelo comunismo inexistente e a desembocar na “ideologia de gênero”, a mãe da mamadeira de piroca. No lugar do risível, o chorável, embora sempre se possa rir para não chorar.

A destacar, sobretudo, o retorno do Brasil à vira-látice mais indigente. De tal magnitude, inédita, que cachorritos se insurgiram contra a psicopatia nacional conhecida por “complexo de vira-latas”, a argumentar, com propriedade, sobre a altivez e a independência dos cães miscigenados e sem-teto. Este repórter chegou a propor “complexo de galgo”, conhecedor que é dessa raça patologicamente submissa e de caráter oscilante. No mundo dos humanos, o Brasil eliminou a necessidade do visto para o turista americano, firmou acordo para o

uso da Base de Alcântara pelos Estados Unidos, abriu mão do imposto que se cobrava sobre a importação do trigo daquele país e voltou a alinhar-se a Trump na eventualidade de uma intervenção militar na Venezuela. Em troca, de efetivo e verificável, Bolsonaro recebeu a camisa da seleção de *soccer*, com seu nome às costas, mas costurado nas coxas.

Em termos de vira-látice, com a vênua dos cachorritos, eis de fato uma Nova Era. “A maturidade de uma nação se mede a partir dos passos que ela dá para se tornar cada vez mais independente, e isso se expressa sobretudo na reciprocidade da relação com outros países”, diz a historiadora e antropóloga Lília Moritz Schwarcz, autora de *Brasil: Uma Biografia*, com a também historiadora Heloisa Starling. “Em nossa história, o





Brasil nunca se opôs aos Estados Unidos. Reconhecemos um inimigo mais forte, fizemos concessões, mas sempre encontramos os espaços de negociação.”

“Juscelino, que era um liberal, manteve relações estreitas com os americanos”, lembra o ministro do Trabalho e Previdência Social do governo João Goulart, Almino Affonso, “porém jamais com uma curvatura de espinha dessa natureza.” “Talvez o governo Dutra (1946-1951) tenha sido servil, mas não a este ponto”, diz Vladimir Safatle. “Bolsonaro colocou-se numa posição de completo isolamento geopolítico, e por isso aposta suas fichas nos Estados Unidos. Mas, sem contrapartida ao que oferece, a relação torna-se catastrófica do ponto de vista dos nossos interesses. Representa o fim de qualquer expressão de um projeto nacional.”

No mesmo dia em que a comitiva do Pateta desembarcou na Disneylândia, deu-se um jantar em homenagem a Olavo de Carvalho, o autoproclamado “filósofo”, Napoleão do hospício bolsonarista em guerra com a ala militar do governo. Em torno da *mousse* de ovas, a que um general chamou “creme muito bom”, bife Wellington e quindim, reuniram-se expoentes internacionais da direita e da extrema-direita. Os comensais variavam do renomado acadêmico Walter Russel Mead, colunista do *Wall Street Journal*, até o supremacista branco Steve Bannon, ex-estrategista de Donald Trump. Na residência oficial do embaixador brasileiro em Washington, Sérgio Amaral, achavam-se também o presidente da União Conservadora Americana, Matt Schlapp, organizador da mais

Na “Santa Ceia” da direita, guardanapo em punho, o presidente viaja na maionese: “O nosso Brasil caminhava para o comunismo”

importante reunião anual de políticos conservadores dos Estados Unidos, e o investidor Gerald Brant. Além de Sérgio Moro, Paulo Guedes, Eduardo Bolsonaro e Ernesto Araújo. À esquerda de Bolsonaro, o supremacista branco, à direita, o Napoleão de hospício que tem dúvida a respeito de a Terra girar em volta do Sol e a certeza de que há fetos abortados na fórmula da Pepsi-Cola.

Lá pelas tantas, ergue-se o presidente, a qualidade retórica de um GPS a indicar as conversões no trânsito: “Eu sempre sonhei em libertar o Brasil da ideologia

À direita do presidente, o Napoleão de hospício Olavo de Carvalho, o homenageado da noite, e o chanceler que deu chilique, Ernesto Araújo

nefasta de esquerda. O Brasil não é um terreno aberto, onde nós pretendemos construir coisas para o nosso povo. Nós temos é que desconstruir muita coisa. Desfazer muita coisa. Para depois nós começarmos a fazer. Que eu sirva para que, pelo menos, eu possa ser um ponto de inflexão, já estou muito feliz". Mais adiante: "O nosso Brasil caminhava para o socialismo, para o comunismo". Em sua viagem na maionese, o guardanapo sempre em punho, informa que tal trajetória foi interrompida por dois "milagres". A facada a que sobrevivera o ungi-do, e sua posterior eleição.

Por fim, Bozo (impossível não recorrer a este codi-nome) pediu um brinde a Napoleão, "em grande parte, devemos a ele a revolução que estamos vivendo". Ainda que alguns pudessem compartilhar do apreço pela geleia que mistura Deus e a luta contra o comunismo inexistente, participantes pareceram incrédulos. Seguiu-se um apropriado purê de nabo, e caipirinhas se fizeram necessárias. A tertúlia na casa do embaixador ganhou o apelido de "Santa Ceia da direita". A que respondeu um furibundo "jornalista" Allan Santos, da página bolsonarista Terça Livre (aquela que difundiu a notícia falsa sobre a jornalista do *Estadão*), em *post* do portal UOL que se referia ao encontro evocando a Sagrada Ceia: "Vocês não cansam de zombar da nossa Fé (*sic*) e depois reclamam quando os chamamos de filhos de Lúcifer".

Tanto melhor teria sido para o País se a China não tivesse sido chamada à mesa para levar nabo. Na Santa Ceia da direita, o país que responde por 35% das vendas do agronegócio brasileiro (um



terço do nosso superávit comercial) foi, este sim, tratado como Lúcifer. A ecoar os dizeres napoleônicos de que "a China está comprando o Brasil, não do Brasil", Bannon defendeu a necessidade de o País diminuir sua dependência do gigante asiático. E franqueado foi aos demais a oportunidade de descer a lenha nos chineses, como se à mesa de um bar.

Em outra indigesta passagem, à altura do quindim, o ministro da Economia, Paulo Guedes, prestou continências a Napoleão: "Você é o líder da revolução". Como o "mercado" prefere o pragmatismo ao delírio, e não está nos planos do

superministro abraçar nenhum dos lados na cizânia entre os militares e a ala manicomial do governo, Guedes tratou de enviar explicações à imprensa: "No voo para Washington, ouvi que Olavo de Carvalho teria dito que o governo Bolsonaro poderia acabar em meses. Como o Olavo sempre havia apoiado o presidente, perguntei por que o líder dispara contra a revolução que inspirou. Esse foi o contexto". A ver como a ala dos milicos reagirá ao maluco posto à direita do chefe, clara indicação de certo pendor. Ou não, já que nenhuma clareza se pode aferir nesse sanatório.

Pois bem, no dia seguinte a turma acordou animada. Em discurso na Câmara de Comércio dos Estados Unidos, onde assinou o acordo de salvaguardas tecnológicas que permitirá o uso da Base de Alcântara para lançamento de foguetes e satélites comerciais, o locutor do GPS avisou que "o povo brasileiro é muito parecido com o americano, conservador e temente a Deus". Temente é aquele que torce por um discurso de Bolsonaro acima da linha da pobreza. "Somos contra o politicamente correto e a ideologia de gênero", algo de grande importância a ser mencionado numa câmara de comércio,

**PARTICIPANTES
PARECERAM
INCRÉDULOS.
SEGUIU-SE UM
APROPRIADO
PURÊ DE NABO,
E CAIPIRINHAS
SE FIZERAM
NECESSÁRIAS**

mas apenas se ali houvesse investidores em mamadeiras de piroca, o que não era o caso. Por fim, “eu conheço o Paulo Guedes há um ano, foi amor à primeira vista, mas no campo econômico. Mas eu não sou homofóbico, não”, brincou. Ninguém entendeu a piada, o que sem dúvida foi uma vantagem.

“Hoje, os senhores têm um presidente que é amigo dos Estados Unidos, que admira este país maravilhoso”, disse, para, depois, agarrar-se aos testículos de seu anfitrião. “Queremos um Brasil grande, assim como Trump quer uma América grande.” Momentos antes, Paulo Guedes havia apresentado o Bozo como o próprio Pateta, alguém que “adora Coca-Cola e Disneylândia”. Mas um Pateta diferente, “um homem que tem colhões”, “got balls”, no original em inglês, “aquilo roxo”. De Pateta ao Saci Pererê, garantiu que “estávamos pulando na perna esquerda, agora estamos pulando na perna direita. Merecemos um tratamento diferente”.

Depois, como um Saci que houvesse perdido ambas as pernas, rastejou: “Por favor, nos ajudem a entrar na OCDE. Mas se não der, não há problema,

vamos em frente” (*sobre esse tema, e outros relacionados à economia, leia reportagem à pág. 22*). Em todo caso, diante dos investidores não se pode dizer que Guedes foi mau vendedor, até porque, sob o ponto de vista de quem compra, é melhor aquele que entrega tudo e a preço de banana. Seu problema consiste nas chances de uma vitória democrata sobre Trump em 2020. Se acontecer, o Saci de Guedes terá de recorrer a uma prótese e pode desfigurar-se como Saci.

“A ida de Bolsonaro, Paulo Guedes e sua comitiva aos Estados Unidos é um fracasso sob qualquer ponto de vista”, diz o presidente do PSOL, Juliano Medeiros. “No campo econômico, forçou-se uma agenda de redução das barreiras comerciais inconveniente para o Brasil. Do ponto de vista simbólico, apresentou-se como um governo despreparado, grosseiro com outras nações, como França e México. Embora Bolsonaro esteja cumprindo uma de suas promessas de campanha, a de submeter o País aos interesses dos Estados Unidos, trai seus eleitores quando afronta o compromisso de uma política externa sem ‘viés ideológico’, como ele gosta de falar.”

Algumas horas depois de dar ciência aos americanos de sua preferência pela Coca (*talvez lhe pareça prudente abortar os fetos da Pepsi*), Bolsonaro recebeu uma equipe da Fox News achando tratar-se da TV Record. De fato, a Fox está para Trump assim como a Record está para Bolsonaro, assessorias de imprensa informais a adular a ambos com perguntas amenas e afagos interessados. A emissora, porém, não poupou o “Trump dos Trópicos”. Apresentou-o como alguém que “já defendeu a violência contra brasileiros LGBTQ”, e lembrou o abjeto preconceito do presidente contra o bigode, “prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí. Para mim, ele vai ter morrido mesmo”. Em sua única entrevista a um canal americano, viu-se obrigado a responder sobre a ligação dos filhos com as milícias, a morte de Marielle e o *golden shower* presidencial.

“Nós vemos com bons olhos a construção do muro (*na fronteira entre Estados Unidos e México*)”, disse o presidente, cuja origem é italiana como conta o sobrenome. “A maioria dos imigrantes não tem boas intenções.” Dois dias antes, o deputado Eduardo Bolsonaro, o “chanceler”, referiu-se aos brasileiros que vivem sem visto de permanência nos Estados Unidos como “vergonha nossa”. Na ocasião, usava um boné com as inscrições “Make Brasil Great Again”, alusão ao *slogan* de campanha de Trump. Ainda na entrevista à Fox, Bob pai atacou a política de imigração da França. “Quem é favorável ao socialismo (*socialismo?*) deve olhar para a experiência da França, que abriu suas fronteiras a todo tipo de refugiado sem seleção ou filtro, é



Steve Bannon, o ex-estrategista de Trump, aconselhou o Brasil a se distanciar da China, compradora de 35% do nosso agronegócio

um mau exemplo.” Em dezembro, o presidente eleito já havia afirmado que a vida em Paris se tornara “insuportável”. O embaixador francês assim respondeu: “63.880 homicídios no Brasil em 2017, 825 na França. Sem comentários”.

“Como outros líderes autoritários que Trump abraçou desde que assumiu o cargo, Bolsonaro é um eco do presidente americano: um nacionalista (*nacionalista?*) ousado cujo apelo populista vem em parte de seu uso do Twitter e seu histórico de declarações grosseiras sobre mulheres, *gays* e grupos indígenas”, escreveu o *New York Times*. Na CNN, uma fala de Bolsonaro contra as *fake news* foi motivo de piada. A agência de checagem Aos Fatos esquadrinhou os discursos de Bolsonaro nos Estados Unidos. Sobre a maioria dos imigrantes ser mal-intencionada, “falso”. Abertura da fronteira da França sem nenhum filtro, “falso”. Governos Lula e Dilma anti-americanos, “falso”. A esquerda tentou matar Bolsonaro, “falso”. E por aí foi. Na disputa entre o falso/contraditório/exagerado *versus* o verdadeiro, o placar ficou em 7 a 1. E gol da Alemanha...

Fora da agenda oficial, descobriu-se que Super Moro, Bob pai e Bob filho estiveram na CIA, a central de inteligência americana que contribuiu decisivamente para derrubar o presidente João Goulart, garantiu a manutenção das ditaduras militares na América Latina e espionou democracias mundo afora. Na ocasião, a trinca teve a oportunidade de se encontrar com a diretora Gina Haspel, acusada de tortura quando coordenava as prisões secretas da CIA, onde, para extrair depoimentos, agentes usavam técnicas como simulação de afogamento, injeção retal e privação do sono, a verdadeira Disneylândia de Bolsonaro.

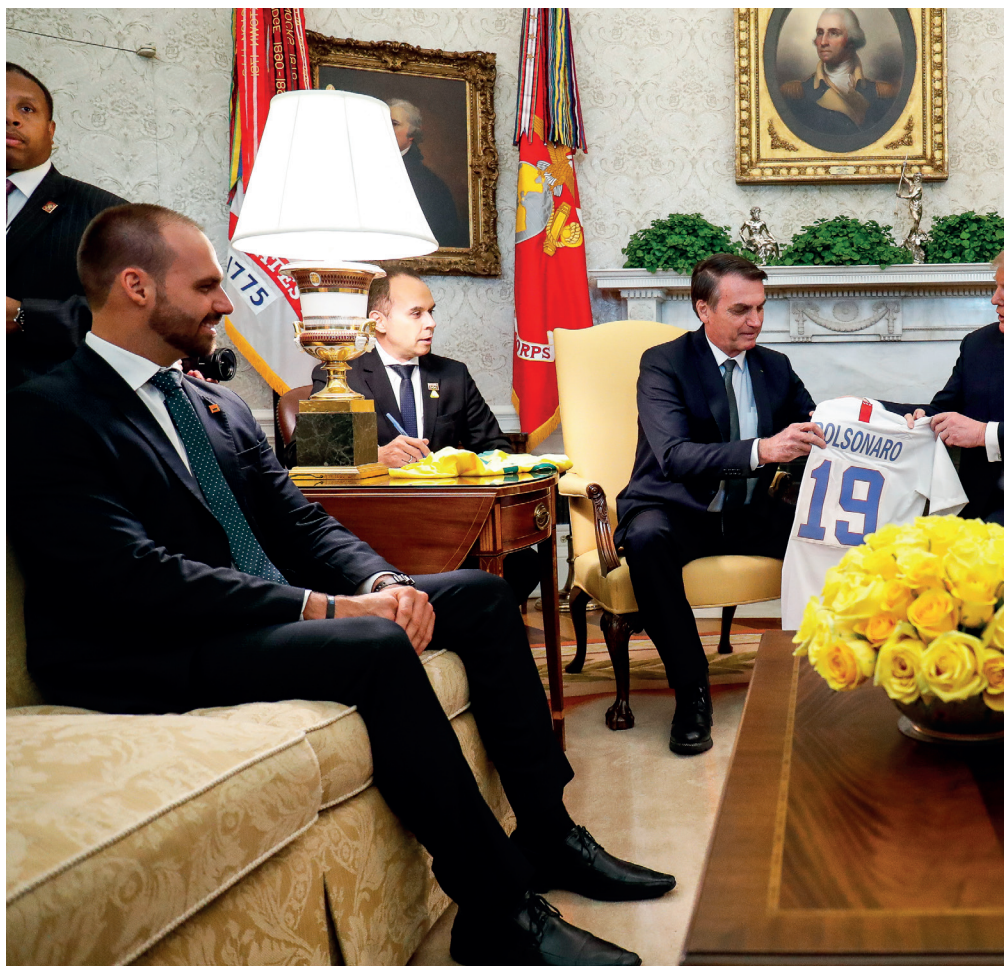
“O que foram fazer numa central de inteligência? Por que não foram visitar uma universidade ou, como gostam

tanto de mercado, alguma grande empresa?”, questionou a presidente do PT, Gleisi Hoffmann. “Por que foram à CIA? Para grampear os brasileiros?” Depois da visita à agência, Moro foi almoçar numa churrascaria com integrantes do FBI. Os encontros com os agentes aconteceram uma semana depois

**O PRESIDENTE
VANGLORIOU-SE
DE TRUMP TER
LHE DADO SEU
TELEFONE
PESSOAL. “PARA
LIGAR QUANDO
QUISER”. PATÉTICO**

de os procuradores da Lava Jato serem enquadrados pelo Supremo Tribunal Federal em razão do acordo que destinava a uma “fundação” da força-tarefa os 2,5 bilhões de reais da multa imposta à Petrobras pelo Departamento de Justiça dos Estados Unidos. Houve ainda o “desaparecimento” de Bolsonaro. Saído da CIA, o presidente escafedeu-se. No jargão popular, “deu o Queiroz”. “Passei no *shopping*”, justificou depois. “Comprei só dois calções e uma camisa.”

Na terça-feira 19, finalmente Pateta encontrou Donald. No Salão Oval da Casa Branca, falaram de OCDE, Alcântara, Venezuela, socialismo e China. O “chanceler” Eduardo Bolsonaro tomou o lugar do chanceler Ernesto Araújo, motivo





Na página ao lado, o presidente recebe sua contrapartida pelos acordos feitos com Trump, sob o olhar do filho "chanceler". À esquerda, o deslumbrado funcionário de Bolsonaro, que foi à CIA e começou com o FBI



pelo qual o chanceler, ao ler um comentário da jornalista Miriam Leitão, teria dado um chilique. “Foi uma vergonha para o Itamaraty”, chafurdou Leitão. “Assim um embaixador definiu a sua avaliação sobre a decisão do presidente Jair de levar o filho Eduardo para o encontro com o presidente Trump. De novo é algo que encolhe o Brasil. Não faz qualquer sentido. Se o ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, tivesse alguma fibra pediria para sair.” No jardim da Casa Branca, Trump e Bolsonaro celebraram o “ocaso do socialismo” nas Américas. Precisam apenas combinar com os russos: nunca antes na história dos EUA tantos jovens preferiram uma sociedade socialista ou comunista, no lugar de uma capitalista ou fascista – 51% dos americanos entre 18 e 29 anos, segundo pesquisa de 2017.

Além da camisa da seleção de *soccer*, revelou a *Folha de S.Paulo*, Bolsonaro ofertou ao Brasil o ingresso na Otan, a

O “chanceler” Eduardo Bolsonaro e seu quepe de vira-lata, com alusão ao slogan de Trump

Organização do Tratado do Atlântico Norte. “De jeito nenhum”, rebateu a França, aquele país “insurportável”. “Neste momento, a humilhação diplomática que estamos passando é traumática. São moleques visitando a Disney, e conseguiram finalmente tirar a foto com o Mickey. Estou estarelecida”, tuitou a antropóloga e cientista social Rosana Pinheiro-Machado, equivocando-se na personagem de Donald. “Nunca um presidente brasileiro havia reconhecido de tal maneira a supremacia dos EUA”, escreveu a alemã *Deutsche Welle*, empresa pública de notícias da Alemanha. “Mesmo durante a Guerra Fria, quando militares mandavam no Brasil, estes mantiveram mais distância dos EUA do que Bolsonaro pretende.” “O governo vende a visita aos Estados Unidos como um sucesso”, diz Lília Schwarcz. “Mas as perguntas são: sucesso para quê? Sucesso para quem?”

No jantar de despedida em Washington, Bolsonaro esteve com o conselheiro de Segurança Nacional da Casa Branca, John Bolton. Vangloriou-se de Trump ter lhe dado o número de seu telefone pessoal. “Paraligar quando quiser.” Patético. •